



## TEXTO LITERÁRIO E QUADRINHOS EM AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

### LITERARY TEXT AND IN FOREIGN LANGUAGE CLASS

Andréa Correa Paraiso Müller<sup>1</sup>

Lucas Silvestre Borges<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivos refletir sobre a importância da literatura no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e apresentar uma proposta de abordagem que utiliza os quadrinhos como elemento motivador da leitura do texto literário por iniciantes de francês língua estrangeira.

**Palavras-chave:** língua estrangeira (LE); texto literário; quadrinhos.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to reflect on the importance of literature in foreign language teaching/learning and to present a proposal of approach that uses comics as a motivation for literary text's reading by beginners of French as a foreign language.

**Key-words:** foreign language; literary text; comics.

#### 1. Introdução

Nas abordagens contemporâneas da língua estrangeira, o texto literário não ocupa a posição privilegiada que ocupou no passado: ele participa do processo de ensino/aprendizagem ao lado de textos de outra natureza, como a receita culinária, o manual de instruções, o artigo de jornal etc. Essa diversidade é, sem dúvida alguma, positiva e enriquecedora. No entanto, observa-se, em muitos casos, um completo desaparecimento do texto literário da sala de aula de língua estrangeira: a pretexto de diversidade acaba-se por eliminar a própria diversidade e centra-se o trabalho unicamente nos panfletos e receitas, por exemplo. Não defendemos, de forma alguma, a preponderância da literatura nos cursos de línguas como se dava na abordagem tradicional, mas acreditamos que a presença do texto literário na aula de LE pode favorecer a aprendizagem. Trabalhada de maneira lúdica, a literatura não precisa ser reservada aos estudantes que já atingiram um nível avançado no estudo do idioma, mas pode ser abordada também com

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários, professora de Língua e Literatura Francesas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: andrea.paraiso@uol.com.br

<sup>2</sup> Desenhista, licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: silvestreborges@brturbo.com.br

Andréa Correa Paraiso Müller  
Lucas Silvestre Borges



iniciantes, familiarizando-os, ao mesmo tempo, com aspectos lingüísticos e com a cultura relativa à língua-alvo.

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a presença da literatura no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e apresentar uma possibilidade de abordagem do texto literário em língua francesa, que contribua para aproximar o aluno desse tipo de texto e para atenuar as dificuldades de leitura. A partir da adaptação de dois contos do escritor francês Guy de Maupassant para histórias em quadrinhos, elaboramos uma proposta de leitura desses quadrinhos e dos textos originais. A proposta foi aplicada a estudantes do segundo ano (que haviam tido cerca de 136 horas de língua francesa) da licenciatura em Letras Português/Francês de uma universidade pública do Paraná. Nossa hipótese inicial, de que a leitura dos quadrinhos facilitaria a leitura posterior dos contos originais, foi confirmada.

## **2. A literatura e o ensino de língua estrangeira**

Durante um certo tempo, aliás bastante extenso, a literatura ocupou um espaço privilegiado no ensino de línguas estrangeiras. A abordagem tradicional, metodologia baseada no estudo da gramática e de listas de vocabulário, propunha a tradução e a versão como “base de compreensão da língua em estudo” (Cestaro, s.d., p.1), fazendo dos textos literários sua principal ferramenta. Estes chegaram a servir como único material didático além do dicionário. No Brasil, no início do século XIX, era possível encontrar anúncios no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro em que professores se ofereciam para ensinar francês e solicitavam, como material didático, apenas um dicionário e um exemplar de *Les aventures de Télémaque*, de Fénelon, romance muito popular e apreciado na época.

Até meados do século XX, a literatura participava do ensino de língua francesa como forma de apresentar a cultura e a civilização daquele país aos estrangeiros que aprendiam o idioma. Visando transmitir uma imagem da França como nação de riqueza cultural, os livros didáticos geralmente desconsideravam a francofonia e excluíaam de suas seleções os textos de autores de língua francesa que não fossem franceses. Os livros didáticos mais comumente utilizados entre os anos 1950 e 1970 nos cursos de francês língua estrangeira contavam, geralmente, com quatro volumes, os três primeiros dedicados ao ensino do idioma e o último



consagrado à literatura. Esta era, pois, reservada aos alunos de nível avançado. O *cours de langue et civilisation françaises*, o conhecido *Mauger* (1959), bastante utilizado no Brasil até os anos 1970, seguia essa organização, e as modificações sofridas por seu quarto volume ao longo do tempo dão testemunho das mudanças da crítica e da teoria literária. Nos anos 1950, o último volume da coleção *Mauger*, o *Mauger bleu*, privilegiava os autores, procurando apresentar uma visão panorâmica do cânone francês. Na década de 1970, o *Mauger* alterou sua estratégia e, sob a influência do estruturalismo em voga naquele tempo, passou a centrar-se nos textos e limitou-se aos escritores contemporâneos.

No início dos anos 1980, os volumes reservados à literatura desapareceram completamente dos livros didáticos. O texto literário entrou, segundo M. Naturel (1995), em um período de decadência dentro do ensino de língua estrangeira. Embora não tenha sido totalmente suprimido dos livros didáticos, tornou-se raro, evocado apenas para ilustrar um tema de estudo ou discussão.

Nas abordagens mais recentes, o texto literário não é banido nem privilegiado; ele é um dos muitos tipos de texto que devem participar do processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira. O aluno precisa ter contato com a literatura, assim como com a propaganda, com os artigos de jornal, as receitas culinárias, os manuais de instrução, as escritas diversas que circulam na internet, enfim, com os múltiplos textos que fazem parte da vida cotidiana.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) recomendam a utilização de diferentes tipos de texto na sala de aula de Língua Estrangeira, o que, “além de contribuir para o aumento do conhecimento intertextual do aluno, pode mostrar claramente que os textos são usados para propósitos diferentes na sociedade” (Brasil, 1998, p.45).

O texto literário não é mais preponderante na aula de Língua Estrangeira, mas faz parte dela ao lado de outros textos que são igualmente relevantes no dia-a-dia dos alunos. A diversidade é fundamental; centrar-se em textos de uma única natureza é empobrecedor. No entanto, o que se vê na prática nem sempre condiz com o que preconizam as metodologias. Não é incomum encontrar professores que, a pretexto de diversidade, eliminam a própria diversidade. Alegando que o texto literário é algo ultrapassado e sem relação com a realidade do aluno, suprimem-no dos cursos de Língua Estrangeira. Ora, é preciso partir da realidade do aluno, mas



para ampliá-la. O trabalho com múltiplos textos, literários e não literários, permite aumentar o conhecimento de mundo do aluno. Restringir-se à literatura, como fazia a abordagem tradicional, seria hoje uma atitude redutora e anacrônica, que significaria ignorar o cotidiano do aprendiz. Mas banir o texto literário da aula de Língua Estrangeira é igualmente redutor, uma vez que se perde uma rica oportunidade de alargar o universo cultural do aluno com novos instrumentos de reflexão e de observação do mundo.

### **3. O texto literário na aula de Língua Estrangeira**

Muitos acreditam que a leitura de textos literários em sala de aula de Língua Estrangeira sirva apenas para ampliar o vocabulário e aprofundar o conhecimento lingüístico do aluno. Vários livros didáticos de Língua Estrangeira (é importante frisar que não nos referimos apenas a materiais de Língua Francesa, mas de diversos idiomas), mesmo recentes, desconsideram as especificidades do texto literário e ainda o utilizam unicamente como pretexto para o estudo do léxico e da gramática. Para uma abordagem mais adequada do texto literário em língua estrangeira, é preciso ter consciência de que ele é muito mais do que uma ferramenta para a apresentação de questões lingüísticas:

Os limites da leitura de literatura em LE vão muito além de se constituir em um instrumento de aquisição de vocabulário (ferramenta utilizada por muitos professores). A literatura em LE não só permite ampliar a compreensão textual e o conhecimento de mundo, como familiarizar o aluno com questões culturais e sociais dos falantes nativos da língua alvo e estreitar sua relação com o mundo literário universal, rompendo a barreira da exclusividade da leitura de literatura em língua materna e oferecendo ao aluno mais um rol de possibilidades, de novos horizontes e novas maneiras de se pensar o mundo e o outro (FREITAS, 2006, p.22).

Pode-se dizer que a maior parte dos pesquisadores interessados no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras atualmente enxerga o texto literário como um espaço privilegiado para trocas interculturais. J. Pinheiro Mariz, em recente tese de doutorado, afirma que o texto literário “contribui para o tratamento não somente de questões de língua ou literárias, propriamente, mas estimula também a troca de fatores interculturais”(2007, p.17).

**Andréa Correa Paraiso Müller  
Lucas Silvestre Borges**





Todavia, não se deve desconsiderar que os aspectos culturais podem ser abordados em sala de aula por meio de práticas diversas. As trocas interculturais podem ser suscitadas por inúmeras atividades e não somente pela leitura do texto literário. Este último não é o único tipo de documento a acrescentar diversidade à aula de língua estrangeira, mas, como bem explicam Albert e Souchon (2000, p.10), é o único a fazer isso provocando uma reflexão sobre modos de funcionamento discursivo e textual muito particulares que o aluno não poderia deixar de lado no processo de apropriação da língua e da cultura estrangeira. Os referidos autores defendem que a literatura, como forma de comunicação, constitui-se em um instrumento de reflexão sobre a própria comunicação humana e não pode, portanto, ser excluída do processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira, processo esse fundamentalmente intercultural.

A leitura do texto literário em sala de aula de Língua Estrangeira é, pois, uma atividade pedagogicamente rica, uma vez que permite abordar questões linguísticas, literárias e culturais. Além disso, pode ainda aproximar do texto literário alunos avessos à literatura, contribuindo para a formação de leitores. Sendo, então, uma prática tão fértil de possibilidades, por que restringir a leitura dos textos literários em língua estrangeira aos estudantes dos níveis mais avançados? Uma resposta óbvia e imediata certamente seria a de que os aprendizes iniciantes não possuem um vocabulário vasto o bastante para compreender textos literários, além de ainda não conhecerem suficientemente as estruturas da língua. É inegável que o conhecimento lingüístico insuficiente dificulta a leitura e pode levar a uma compreensão equivocada que, por sua vez, gera interpretações inadequadas. Por outro lado, o trabalho precoce com o texto literário em língua estrangeira, quando bem conduzido, familiariza o aluno com a linguagem literária e, aos poucos, capacita-o para a leitura desse tipo de texto. É preciso saber escolher o texto a ser lido e selecionar as atividades que serão desenvolvidas a partir dele.

Jean Peytard, organizador de um livro até hoje tido como marco nas pesquisas sobre texto literário e ensino de língua — *Littérature et classe de langue* (1982) — embora não despreze o papel da competência linguística na leitura, recomenda que o texto literário esteja presente desde o início da aprendizagem da língua:

On ne conteste pas ici qu'une bonne compétence linguistique aide à une lecture sémiotique du texte. Mais on aimerait suggérer aux didacticiens

**Andréa Correa Paraiso Müller**  
**Lucas Silvestre Borges**



qu'il convient de ne pas placer le texte littéraire à la fin ou au sommet, ou au hasard de la progression méthodologique, mais d'en faire, au début, dès l'origine du "cours de langue", un document d'observation et d'analyse des effets polysémiques (PEYTARD, 1982, p.102).<sup>3</sup>

J. Pinheiro Mariz (2007) propõe a leitura de textos literários em francês língua estrangeira com alunos que ainda não atingiram o nível avançado na aprendizagem do idioma, mas com a ressalva de que os textos escolhidos sejam curtos e de "relativa simplicidade estrutural e gramatical" para que o vocabulário e as estruturas linguísticas não se tornem um obstáculo praticamente intransponível para o aprendiz:

Na realidade, o vocabulário pode ser um dos primeiros problemas para um estudante de língua estrangeira, pois se não há uma compreensão mínima do idioma, o aluno iniciante tem dificuldade de se concentrar no contexto da aula, abstraindo-se frequentemente. O nível da língua não está ligado somente ao vocabulário, mas também às estruturas, às vezes complexas, da língua que constitui um universo novo para o aprendiz. Nesse caso, a nossa proposta (texto literário em aula de FLE) poderia parecer inadequada, se não preconizasse a escolha de obras curtas (contos) e de relativa simplicidade estrutural e gramatical (MARIZ, 2007, p.52).

Mireille Naturel (1995, p.24) também sustenta que a literatura em LE não deve começar a ser lida apenas nos níveis avançados, com os quais já se pode fazer uma exploração mais profunda do texto. Segundo a autora, é recomendável introduzir os textos literários aos alunos de nível intermediário a fim de sensibilizá-los para aquilo que é específico desse tipo de composição e fazê-los descobrir o prazer da leitura. Naturel ressalta a importância da escolha do texto (grau de dificuldade em relação ao nível linguístico dos aprendizes) e da definição dos objetivos que se quer atingir com a prática da leitura literária em sala de aula de LE:

Le premier problème que rencontre, en effet, l'enseignant est l'évaluation de la difficulté du texte en fonction du niveau linguistique et de la formation de son public.

<sup>3</sup> Não se contesta, aqui, que uma boa competência linguística contribua para uma leitura semiótica do texto. Mas gostaríamos de sugerir aos pedagogos não colocar o texto literário no final ou no topo, ou ao acaso da progressão metodológica, mas fazer dele, no início, desde o começo do "curso de língua", um documento de observação e de análise dos efeitos polissêmicos (PEYTARD, 1982, p.102, tradução nossa).



Il devra ensuite définir ses objectifs. Deux cas de figure se présentent alors: il choisit son texte en fonction des objectifs qu'il s'est fixés ou bien il définit ses objectifs en fonction du texte qu'il a retenu (NATUREL, 1995, p.23).<sup>4</sup>

Albert e Souchon (2000, p.56) são favoráveis à leitura de textos literários em sala de aula de LE desde os estágios elementares, mas defendem que a escolha dos textos depende menos do nível de aprendizagem em que se encontram os alunos do que das atividades propostas a partir dos textos. Esses autores explicam que muitos textos se prestam perfeitamente tanto à utilização com iniciantes na língua quanto ao trabalho com estudantes que já estão em níveis avançados. A dificuldade não está, pois, no texto em si, mas no objetivo que se pretende atingir com ele, nas atividades propostas e na extensão do texto. Textos mais curtos são mais recomendáveis a iniciantes, pois podem ser lidos integralmente. Albert e Souchon chamam a atenção ainda para o fato de que nem sempre estudantes de nível avançado e, portanto, com maior conhecimento da língua mostram-se mais eficazes como leitores de literatura em LE. A leitura de textos literários em língua estrangeira beneficia-se da experiência prévia do aluno com a leitura de textos literários em língua materna. Assim, estudantes com uma ampla bagagem de leitura literária em língua materna poderão sentir-se relativamente à vontade diante de textos literários em língua estrangeira, mesmo estando no início da aprendizagem do idioma. Na posição oposta ficam os alunos que, embora estando em nível avançado de seu curso de língua estrangeira, têm um histórico de pouca leitura de literatura em língua materna. Logo, o conhecimento linguístico não garante, por si só, a competência de leitura de textos literários em LE. É preciso que essa competência seja desenvolvida pelo contato frequente com esse tipo de texto, o que pode e deve começar nos primeiros níveis dos cursos de línguas.

#### **4. Texto literário e quadrinhos na aula de língua estrangeira: uma experiência**

---

<sup>4</sup> O primeiro problema que encontra, com efeito, o professor é a avaliação da dificuldade do texto em função do nível linguístico e da formação de seu público. Ele deverá, em seguida, definir seus objetivos. Dois casos se apresentam então: ele escolhe seu texto em função dos objetivos que fixou ou então define seus objetivos em função do texto que selecionou (NATUREL, 1995, p.23, tradução nossa).



A experiência relatada a seguir foi aplicada a estudantes do segundo ano de licenciatura em Letras (Português/Francês) de uma universidade pública do Paraná que haviam cursado cerca de 136 horas de francês, ou seja, tinham um nível básico de conhecimento do idioma. Tínhamos como objetivos familiarizar os estudantes com textos literários em língua francesa e atenuar as dificuldades de leitura encontradas por esses estudantes.

Inicialmente, os participantes responderam a um questionário que visava detectar sua experiência de leitura em língua materna e em língua estrangeira, bem como suas preferências. Quando interrogados se costumavam ler textos literários para seu prazer pessoal, 17% dos estudantes responderam “sim, frequentemente”, 75% responderam “às vezes” e 8% assinalaram a opção “raramente”.

A segunda questão apresentava uma lista e solicitava que o aluno indicasse suas preferências de leitura. As obras literárias apareceram em primeiro lugar e as revistas e jornais em segundo e terceiro, respectivamente; os textos técnicos ficaram em quarto lugar, as histórias em quadrinhos em quinto e os livros de auto-ajuda em sexto. Percebemos uma contradição nas respostas. Embora na primeira questão a maioria dos estudantes tenha demonstrado não ter o hábito de ler literatura por prazer, na segunda as obras literárias são indicadas como tipo de texto preferido. Ora, se não lêem textos literários por prazer é porque não são leitores assíduos de literatura. Como podem, então, ter indicado o item “obras literárias” como leitura preferida? Uma hipótese é que o fato de serem graduandos de Letras talvez os leve a sentirem-se na obrigação de dar essa resposta, mesmo que não seja verdadeira.

A terceira questão pedia que os informantes citassem livremente seus livros preferidos. Entre as obras mencionadas como resposta figuram estudos da linguagem, como *Comunicação em prosa moderna*, mas principalmente clássicos da literatura (*Crime e castigo*, *Madame Bovary*, *Vidas secas*, *Amor de perdição*, *A moreninha*, *O cortiço*, *Senhora*), citados por quase todos os alunos. Muitas dessas obras fazem parte dos programas das disciplinas da área de Literatura do curso de Letras, o que nos leva a quatro interpretações possíveis dessa resposta: os alunos já conheciam esses textos antes de se tornarem licenciandos em Letras; passaram a gostar de tais textos depois que eles foram abordados no curso; ou não gostam dos textos, não têm o hábito de ler literatura, mas citam esses porque acreditam que, como estudantes de Letras, deveriam gostar dos clássicos; ou,





ainda, não gostam dos textos que eles próprios citaram e, justamente por não terem o hábito de ler literatura, só conhecem as obras do programa do curso.

À quarta questão, que indagava se haviam lido algum texto literário francês traduzido, um aluno respondeu ter lido *Madame Bovary* e outro, *O pequeno príncipe*; um terceiro informante afirmou ter lido um livro de cujo título não se lembrava, e os demais responderam negativamente.

Questionados se já haviam lido algum texto literário em língua francesa, dois estudantes disseram ter lido *O pequeno príncipe*, mas não souberam informar se era o texto original ou se se tratava de uma adaptação. Um outro estudante respondeu já ter lido histórias em quadrinhos em francês, e os demais afirmaram que nunca haviam lido textos literários naquele idioma.

Esse questionário inicial nos leva a crer que os estudantes pesquisados, embora confirmem importância à literatura canônica e demonstrem considerar as obras literárias algo que deva ser lido, não possuem uma grande experiência de leitura literária em língua materna e apresentam um repertório restrito aos textos exigidos no curso de Letras.

Levando em conta as colocações de Albert e Souchon (2000, p.56) já expostas neste trabalho (p.5-6) segundo as quais estudantes com pouca experiência de leitura literária em língua materna tendem a apresentar maiores dificuldades com textos literários em língua estrangeira e lembrando que os alunos-alvo de nossa pesquisa, além de não serem ávidos leitores de literatura em português, são ainda iniciantes no estudo da língua francesa, percebemos a necessidade de planejar com extremo cuidado o trabalho com textos literários em francês.

O primeiro passo foi a escolha dos textos. Selecionamos dois contos do escritor francês Guy de Maupassant: “Mon oncle Jules” (“Meu tio Jules”) e “Ce cochon de Morin” (“O porco do Morin”). Optamos pelo gênero conto por tratar-se de narrativa curta, de leitura geralmente mais rápida, o que nos pareceu propício para os primeiros contatos com textos literários em língua estrangeira. Como já mencionado neste artigo, a curta extensão permite que o texto seja trabalhado integralmente, mesmo com alunos iniciantes. Os contos escolhidos são de Maupassant por serem clássicos da literatura mundial que não se distanciam tanto do tipo de literatura que os estudantes pesquisados já conhecem. Ao menos nos primeiros contatos com textos literários em LE, é importante que os alunos possam reconhecer estruturas e formas de organização narrativa que já lhes sejam mais ou menos familiares.



O segundo passo foi definir uma estratégia de motivação e preparação para a leitura dos contos. Com a ajuda de recursos da computação gráfica, os dois contos foram adaptados para histórias em quadrinhos<sup>5</sup>. Nosso intuito era fazer com que os estudantes lessem primeiramente os quadrinhos para, em um segundo momento, chegar à leitura dos textos originais. Afinal, um primeiro contato com o tema e com o enredo por meio de uma linguagem que se baseia principalmente nos recursos gráficos e que costuma parecer mais fácil para os jovens pode predispor favoravelmente à leitura do texto literário original, atenuando as dificuldades na compreensão deste último. Além disso, ao proporcionar também a reflexão sobre uma outra linguagem, a dos quadrinhos, a atividade proposta permite que os alunos atentem para aquilo que é característico de cada uma das linguagens (dos quadrinhos e da literatura) e comecem, assim, a perceber as especificidades do texto literário.

Para “Mon oncle Jules”, elaborou-se uma história em quadrinhos com textos nos balões, mantendo a maior fidelidade possível às palavras do conto de Maupassant. Já para “Ce cochon de Morin”, foram criados quadrinhos apenas com imagens, sem texto.

No primeiro encontro, entregamos à turma os quadrinhos elaborados a partir de “Mon oncle Jules”. Antes da leitura, procuramos explorar com os alunos as imagens e os elementos gráficos, atentando para as especificidades da linguagem dos quadrinhos e deixando que, por meio delas, os alunos buscassem construir sentidos. Depois de lerem a história em quadrinhos, os participantes expressaram-se sobre o que compreenderam e fizeram comentários. Em seguida, avaliaram a própria compreensão da referida história em quadrinhos. A maior parte dos alunos (66%) afirmou ter compreendido “satisfatoriamente” a história; 16% disseram ter compreendido “mais ou menos”; 9%, “muito bem”, e outros 9%, “muito pouco”. Para 58% dos informantes, as imagens dos quadrinhos “ajudaram muito” a compreender o texto dos balões; para 34%, “ajudaram um pouco”; e para 8%, “ajudaram mais ou menos”. É importante ressaltar que essa história em quadrinhos foi recebida com grande entusiasmo pelos alunos. As imagens foram bastante observadas e comentadas por todos. Mesmo não tendo indicado, no primeiro questionário, os quadrinhos como leitura preferida, os participantes demonstraram forte interesse pela história que apresentamos.

---

<sup>5</sup> A adaptação e os desenhos foram feitos por Lucas Silvestre Borges.



No segundo encontro, os alunos leram o conto original. Inicialmente, expressaram suas opiniões de forma espontânea; alguns deles começaram a apontar as diferenças entre as duas linguagens: dos quadrinhos e da literatura. Em seguida, fizemos-lhes perguntas a fim de levá-los a refletir mais profundamente sobre essas diferenças e a identificar as especificidades de cada uma das linguagens. Ao final, pedimos aos participantes que respondessem a questões sobre suas dificuldades na leitura. A maioria afirmou não ter tido grandes dificuldades, e seus comentários em sala de aula confirmam a resposta que deram ao questionário. Cinquenta por cento dos alunos compreenderam o conto “com pouca dificuldade”; 22% compreenderam “com alguma dificuldade”; outros 22% “com muita dificuldade”; e 16% compreenderam “com facilidade”. Outro item pesquisado através do questionário foi a frequência do uso do dicionário durante a leitura: 50% dos participantes consultaram o dicionário “algumas vezes”, os outros 50% não consultaram “nenhuma vez”. Já à questão sobre a contribuição da leitura prévia da história em quadrinhos para a compreensão do conto original, 66% afirmaram que “contribuiu muito” e 44% acharam que “contribuiu mais ou menos”. Ora, ninguém afirmou que os quadrinhos não contribuíram para a compreensão do texto original, e a maioria acredita que eles contribuíram muito, o que confirma nossa hipótese inicial de que os quadrinhos facilitariam a entrada na literatura.

No terceiro encontro, os quadrinhos baseados no conto “Ce cochon de Morin”, apenas com imagens, sem balões de texto, foram recebidos com interesse. Todos comentaram os elementos visuais e fizeram suposições sobre a história. A partir das imagens, os alunos desenvolveram, em grupos, uma história. Apesar das dificuldades para redigir em francês, sentiram-se animados, o que talvez se deva ao caráter lúdico da atividade. Os textos foram corrigidos e cada grupo apresentou sua história aos colegas.

No último encontro, o conto original foi lido com curiosidade pelos alunos, interessados em descobrir qual era a história a respeito da qual haviam formulado tantas hipóteses. Após a leitura, novamente os estudantes expressaram suas opiniões e foram levados a refletir sobre os recursos específicos da narrativa literária, diferentes dos da narrativa visual dos quadrinhos. Desta vez, ao responder ao questionário sobre as dificuldades da leitura, nenhum participante afirmou ter lido “com facilidade”, não obstante a grande curiosidade despertada pelo conto: 50%



compreenderam o texto “com alguma dificuldade”, 25% “com pouca dificuldade” e 25% “com muita dificuldade”. Apesar de não terem lido com facilidade, 75% dos alunos não consultaram o dicionário nenhuma vez, o que revela uma capacidade de leitura global e condiz com o tempo que se teve para a leitura em sala de aula. Quanto à nossa hipótese inicial, mais uma vez foi confirmada, pois 75% dos estudantes disseram que os quadrinhos “contribuíram muito” para a compreensão do texto original, e 25% afirmaram que eles contribuíram “mais ou menos”. Como imaginávamos, a linguagem visual preparou os estudantes para o contato com a linguagem literária, motivando-os e preparando-os para a leitura do texto literário em língua estrangeira.

Nossa proposta não era fazer com que os alunos realizassem profundas análises de textos, mas aproximá-los do texto literário em língua estrangeira. Os quadrinhos funcionaram como um importante instrumento de reflexão e elemento motivador, “porta de entrada” para o texto literário.

## 5. Considerações finais

O processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira precisa basear-se em práticas diversas e incluir uma pluralidade de textos da qual o literário não deve estar ausente. Ao lado de outros textos autênticos, a leitura de literatura constitui uma oportunidade de observação da “língua em trabalho” (ALBERT & SOUCHON, 2000), viva e carregada de elementos culturais. O texto literário não é, evidentemente, o único a propiciar trocas interculturais, mas é singular no tipo de reflexão que provoca sobre a linguagem.

Por ter o potencial de suscitar práticas enriquecedoras para o processo de ensino/aprendizagem de LE, esse uso particular e artístico da língua que é o texto literário não deve ficar restrito a turmas avançadas no estudo do idioma, e sim ser introduzido já nos níveis iniciantes, o que familiariza os alunos, a um só tempo, com a língua que estão aprendendo e com o discurso literário.

Não temos a pretensão de que a proposta que apresentamos seja aplicável a qualquer contexto; trata-se apenas de uma maneira possível, entre muitas, de introduzir o texto literário na aula de língua estrangeira. A atividade pareceu-nos válida sobretudo por testemunhar que a literatura em LE pode perfeitamente ser lida com iniciantes, mesmo com aqueles que não





possuem uma larga experiência de leitura literária em língua materna. O texto literário na aula de língua estrangeira, muito além de um instrumento a mais no ensino da língua e da cultura, permite desenvolver novas competências (como a própria competência de leitura de textos literários) e, trabalhado de forma lúdica, pode (por que não?) contribuir para a formação de leitores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, M. C.; SOUCHON, M. **Les textes littéraires en classe de langue**. Paris: Hachette, 2000.
- BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CESTARO, S. A. M. **O ensino de língua estrangeira: história e metodologia**. Disponível em: <[www.hottopos.com.br/selma.htm](http://www.hottopos.com.br/selma.htm)>. Acesso em: 10 jun.2009.
- FREITAS, M. A. **Por que não ler?** A literatura em língua estrangeira em perspectiva. 2006, 57f. Monografia (Especialização em Ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.
- MARIZ, J. P. **O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)**. 2007, 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- MAUGER, G. **Cours de langue et civilisation française**. Paris: Hachette, 1959.
- MAUPASSANT, G. de. **Ce cochon de Morin**. Disponível em: <[www.bmlisieux.com/litterature](http://www.bmlisieux.com/litterature)>. Acesso em: 25 jan. 2007.
- \_\_\_\_\_. **Mon oncle Jules**. Disponível em: <[www.maupassant.free.fr/textes](http://www.maupassant.free.fr/textes)>. Acesso em: 12 mar. 2007.
- NATUREL, M. **Pour la littérature: de l'extrait à l'oeuvre**. Paris: Clé International, 1995.
- PEYTARD, J. Sémiotique du texte littéraire et didactique de FLE. **ELA (Études de linguistique appliquée)**. Paris, v. 45, n.1, p.91-103, 1982.



**Andréa Correa Paraiso Müller**  
**Lucas Silvestre Borges**